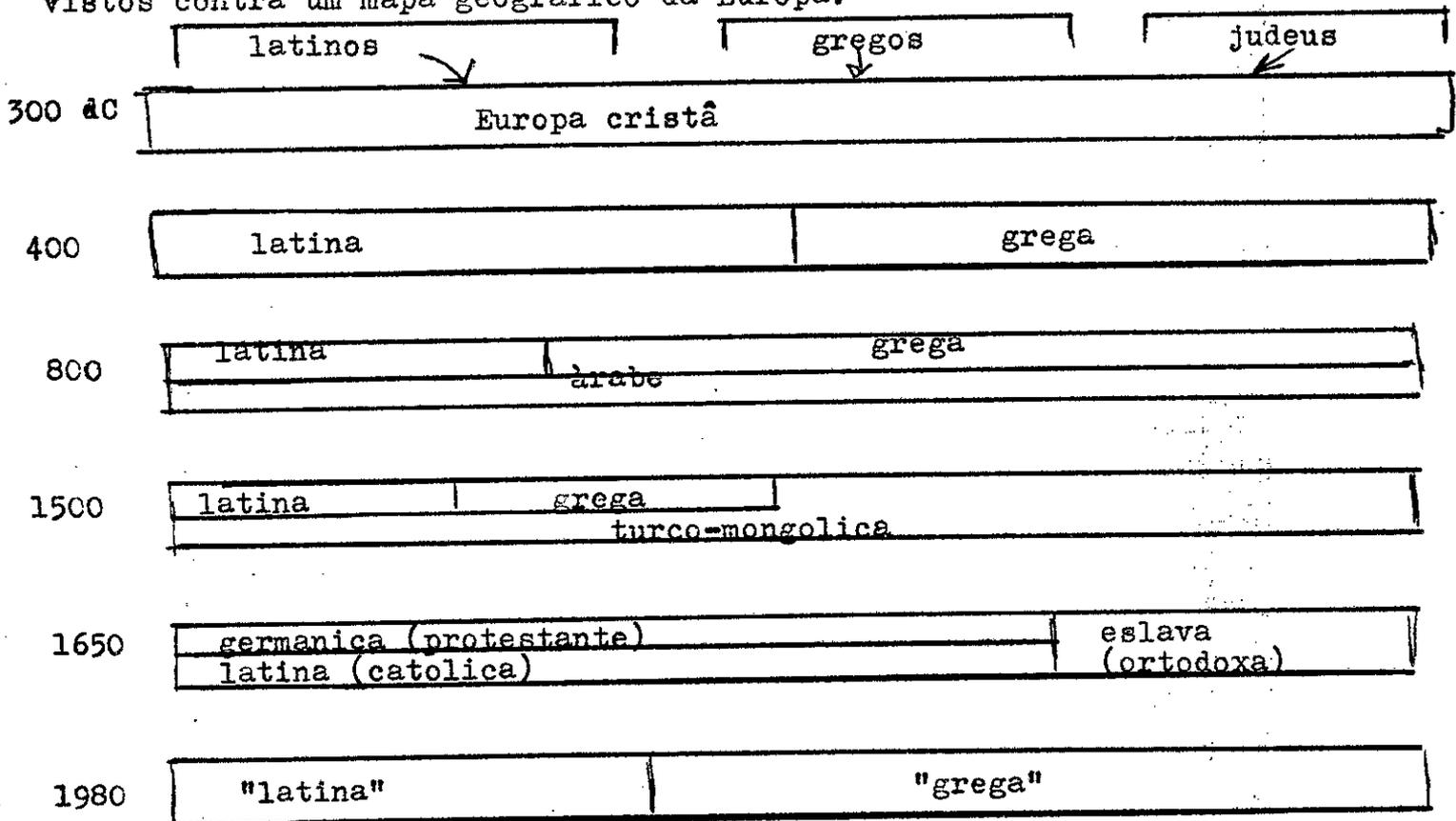


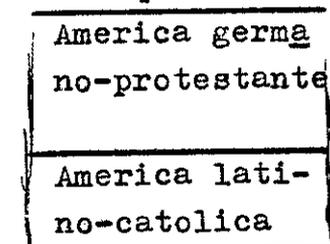
Europa: federação ou confederação?

Há desacôrdo quanto à definição do termo "Europa": a dos nove, dos doze, até o Ural, do Conselho? Não que isto seja o unico desacôrdo em ma-teria europeia, mas é revelador de determinados fatores historico-culturais raramente ventilados no calôr da luta ideologica em tôrno da dita "constru-ção europeia". O presente ensaio se propõe acentuar tais fatores no con-texto do problema de uma futura federação ou confederação europeia.

Uma das maneiras de esquematizar a historia europeia é a de salientar os seus elementos etnico-culturais, e as metamorfoses pelas quais passam ao longo dos acontecimentos. Os retângulos do esquema seguinte querem ser vistos contra um mapa geografico da Europa:



A partir do século 17 o seguinte prolongamento da metade ocidental da Eu-ropa deve ser acrescentado ao esquema:



Os elementos etnico-culturais contidos no esquema devem ser imaginado con-tra um fundo pré-europeu, por exemplo o celta.

O "papel" dos componentes da Europa seria este: os latinos forne-cem o edificio europeu, os gregos a sua teoria, os judeus os seus valores, os germanos e os eslavos a ampliam rumo ao norte, os àrabes se separam de-la para construir uma anti-Europa, e os turco-mongais servem de membro que a Europa não passa de uma das três peninsulas asiaticas, (como a Índia e a China).

O esquema sugere que a Europa surgiu da tentativa cristã para unificar as culturas latina, grega e judia. Outras tentativas de uma tal síntese, (o Islam, a reforma etc;), foram posteriormente ensaiadas, e todas falharam. Tal insucesso explica a tensão interna e a agressividade externa que caracterizam a cultura europeia. A síntese era fadada ao malogro, porque os elementos básicos da Europa se repelem mutuamente. A antropologia fundamental latina é econômica: o seu modelo do homem é o camponês. A antropologia fundamental grega é política: o seu modelo do homem é o artesão. A antropologia fundamental judaica é religiosa: o seu modelo do homem é o pecador. Isto se manifesta enquanto incapacidade dos três para se porem de acordo quanto aos conceitos básicos. Por exemplo: para os latinos "verdade" é o visto, para os gregos é o descoberto, e para os judeus é o revelado. O que é verdade para um dos três, é erro para os dois outros. Ou: para os latinos "justiça" é equilíbrio, para os gregos é o meio de ouro, e para os judeus é a vitória de Bem sobre o Mal. O que é justo para um dos três, é injusto para os dois outros. Não podem pois concordar sem traírem, cada qual, a sua própria identidade.

Por isto a Europa é mistura explosiva, perigosa e periclitante. Quasi já sucumbiu pelo menos em duas ocasiões, (em 800 e 1500), e a atual ameaça de breve desaparecimento não representa novidade. A explosividade europeia não é fenômeno apenas social, mas também psicológico. Não é apenas o tecido social europeu que explode periodicamente. Também o contexto dos valores, dos conhecimentos e das vivências explode constantemente na consciência de todo europeu. Porque todo europeu é portador das três antropologias incompatíveis, e não pode dispensar de nenhuma das três sem deixar de ser europeu. Portanto a Europa não é apenas a "mãe das revoluções", mas também o lugar geométrico da dúvida quanto ao homem e à sua posição no mundo. E isto poderia servir de definição do termo "Europa", enquanto não existir outra melhor.

Todo produto europeu; suas organizações econômicas, sociais e políticas, sua arte e literatura, sua ciência e técnica, sua filosofia e teologia, porta a marca de tal dilaceramento interno. Em comparação com as demais culturas a europeia é um caos de sistemas, métodos, e doutrinas. Duas estruturas foram ensaiadas no passado para repressar tal caos: no Ocidente europeu o catolicismo, ("o que vale para todos"), no Oriente europeu a ortodoxia, ("a opinião correta"). O catolicismo explodiu sob a pressão da dúvida, o que teve como consequência a ciência, (essa dúvida metódica), e a conquista de grande parte da Terra, (essa dúvida extrapolada). A ortodoxia tem resistido à tal pressão, mas ao custo de repressão de mais em mais acentuada.

Quem observar o esquema proposta poderia crer que a situação atual, (1980), é repetição da situação sob Constantino, (400). Na realidade, no entanto, não há, como na época da divisão do império, duas meta-

des europeias comparáveis que se confrontam. Atualmente as duas metades não são comparáveis. A diferença não reside tanto no fato que a migração europeia tem caráter diferente no Ocidente e no Oriente, que por exemplo o elemento latino é mais visível no ocidente e o elemento grego no oriente, ou que a decisão depende no ocidente mais dos germanos e no oriente mais dos eslavos. Nem tanto do fato que a organização politico-social e economica é diferente no ocidente e no oriente. Mas no fato que a Europa ocidental assuma o seu dilaceramento, enquanto a oriental procura reprimi-lo. Tal diferença decidirá, sem duvida, a sorte de t<sup>o</sup> da futura Europa.

Um dos epifenômenos do dilaceramento europeu é o estado nacional. 'E tipicamente amivalente: nega tanto a unidade quanto a diversidade europeia. A França nega a Europa e a Ocitania, a Alemanha nega a Europa e a Baviera, a Italia nega a Europa e a Toscana. A longo prazo, portanto, o estado nacional é condenado: a unidade europeia, (sobretudo ao nível da ciência e tecnica), e a diversidade europeia, (a organicidade das suas unidades culturais), acabarão por eliminar a divisão europeia artificial em estados. E se a diversidade europeia fôr a desaparecer, isto terá sido mérito não do estado nacional, mas dos meios de comunicação de massa. Mas, a despeito disto, e a curto prazo, o estado nacional forma, infelizmente, o ponto de partida para t<sup>o</sup>da futura construção europeia.

O estado nacional surgiu no Renascimento enquanto golpe contra Roma, e serve principalmente como base para a divisão dos mercados extra-europeus na época da industrialização. 'E pois produto do ocidente europeu. Alcançou o oriente europeu como emanção da industrialização, (do romantismo), e serve lá enquanto sustentáculo da ortodoxia, (por exemplo do panslavismo). Embora atualmente o nacionalismo seja mais virulento no oriente que no ocidente, o estado nacional lá é mais jovem e fraco. No ocidente é mais sedimentado: a ocupação de Praga pelos russos é evento menos catastrofico que a ocupação de Paris pelos nazistas. Por isto o estado nacional é mais pernicioso para a Europa no ocidente que no oriente.

O proposito obvio de t<sup>o</sup>da construção europeia é acabar com os estados. Os nacionalistas sabem disto melhor que seus adversários e propõem, portanto, uma Europa "confederativa". Especie de aliança pronta a desfazer-se em seus estados-componentes. O que os nacionalistas receiam não é uma Europa trans-nacional, (já que são, t<sup>o</sup>dos eles, "bons europeus"), mas uma Europa regionalizada. Receiam uma Europa que não seja mosaico de peças tão artificiais quanto o é a GrãBretanha, a Belgica ou a Espanha, mas organismo de elementos autênticos como a Escocia, Flandres ou a Andalucia. Receiam que as fronteiras saturadas de sangue dos estados nacionais desapareçam como desapareceram as fron

teiras feudais, e que o estado nacional se transforme em curiosidade histórica, como aconteceu como o estado dinástico soberano. Os nacionalistas defendem a soberania nacional, não para evitar a soberania trans-nacional de uma Europa federal, mas para evitar a decomposição da soberania nacional em unidades menores.

A soberania não é, por certo, valor, mas método para preservar um valor: o da liberdade de decisões do cidadão. Quem defende a soberania nacional como se fosse valor, age a serviço de determinada ideologia. Em tese o cidadão delega parte da sua liberdade de decisões sobre um soberano, (seja ele rei, estado nacional, soviético, ou outro qualquer representante seu). E o faz, em tese, afim de poder participar indiretamente de decisões fora do seu alcance. Na prática o cidadão cede sua liberdade ao soberano porque é obrigado a fazê-lo. Mas, sempre em tese, o cidadão continua proprietário das decisões e pode pedir ao soberano, a qualquer momento, que devolva a liberdade delegada. Na prática tal devolução é tanto mais difícil, quanto mais "sagrado" o soberano, isto é: quanto mais protegido por ideologias. O que os nacionalistas temem, no fundo, é que uma Europa federal desacralizaria o soberano, e facilitaria ao cidadão a retomada da sua liberdade.

A meta da Europa federal não pode ser soberania sintética pan-europeia, (coisa impossível e indesejável), mas, pelo contrário, construção de estrutura que permita à diversidade europeia, reprimida pelos estados nacionais, a desenvolver-se mais livremente. Estrutura no interior da qual permutações por ora imagináveis dos interesses diversificados econômicos, sociais e culturais, poderiam realizar-se. Por isto não são apenas movimentos do tipo "libertação dos bascos, dos corsos ou dos tirolezes do sul" que apontam na direção da futura Europa. Mais característicos ainda são movimentos do tipo "viticultura mediterrânea, navegação renana, ou escultura alpina". As ditas "cidades irmanadas" préfiguram tal Europa. E a reformulação dos sindicatos europeus a préfiguram melhor que as alianças dos europartidos. É pois falsa a pergunta "quem dominará a Europa?". Será ela campo de vetores de forças em constante regramento.

A construção da Europa iniciou-se na metade ocidental, por esta já estar aberta à tal diversidade. Mas nisto há um perigo: o de querer fazer uma Europa ocidental apenas, e que se defenda do leste. Para poder sobreviver, a Europa deve ultrapassar a divisão em duas metades. A ocidental não pode viver sem a oriental: as contribuições do oriente europeu à cultura comum foram e são grandes demais para poderem ser amputadas. E a oriental deixaria de ser muito rapidamente Europa sem o constante contacto com o oeste. Toda construção europeia deve acentuar constantemente sua abertura rumo ao leste. A situação no ori

ente europeu é explosiva, e a ortodoxia não resistirá eternamente à pressão das tendências diversificadoras. A Europa federal em construção deve servir para canalizar tais tendências rumo à diversidade.

Eis a verdadeira razão porque os partidos ocidentais ~~firmes~~ fieis a Moscou resistem a construção da Europa. Na receiam, como afirmam, uma Europa ocidental sob comando americano e dirigida contra o leste. Receiam, muito mais, que uma nova Europa aberta e diversificada serviria de catalizador para a explosão da ortodoxia oriental, e sua re-absorção no corpo europeu. E isto explica também a curiosa aliança entre nacionalistas e neo-stalinistas, (por exemplo gaulistas e comunistas franceses): o inimigo comum dos dois é a autêntica diversidade da cultura europeia em tantos níveis.

A névea ideológica não encobre, no entanto, apenas tais aspectos da cena europeia como o é o fato que a aceitação da divisão atual implica anti-europeísmo. A ação da névea ideológica é ainda mais nefasta: impede a formulação da única verdadeira questão que se impõe quando se trata da Europa. A saber: vale a pena querer salvar a Europa? Os sintomas do perigo que a Europa está correndo, as ameaças externas e a decadência interna, são por demais evidentes para que a ideologia os possa encobrir de tudo. Mas o que a ideologia dificulta é a formulação da pergunta: não deveria a Europa ser abandonada à sua sorte bem merecida?

Sem dúvida: a cultura europeia é a mais perniciosa entre todas. Não apenas sob ponto de vista ético: fenomenos como a escravidão do negro ou o nazismo não encontram paralelo em nenhuma outra cultura. Mas sobretudo sob o ponto de vista que ilumina a função de toda cultura: cultura é o contexto que confere um significado à vida dos seus participantes. Pois a cultura europeia mecanizou a vida e a tornou absurda, e projetou cosmovisão nascida das ciências naturais tão afastada da experiência concreta que passou a ser paranoica. E é em função de tal vida absurda e cosmovisão louca que a sociedade europeia suga atualmente o suco vital de resto do mundo. Não deveria ser abandonada?

Tal argumento contra todo engajamento europeu se reforça se for considerado o continente americano. Os Estados Unidos já são o herdeiro da Europa, e o centro da cultura europeia já se encontra, em numerosos terrenos, nos Estados Unidos. A America latina acabará, mais cedo ou mais tarde, assumindo a herança latino-europeia. O europeu ocidental já é em grande parte cliente dos Estados Unidos e deve sua existência enquanto europeu à dita proteção americana. E o europeu oriental, ele também, vive em parte em função da America, embora menos diretamente. E os Estados Unidos sustentam a Europa não apenas pelas razões imperialistas tão divulgadas, mas também por espécie de saudosig

mo europeísta que visa transformar a Europa em parque natural e cultural para o cidadão americano. Por quê pois não abandonar a decisão quanto ao futuro da Europa aos Estados Unidos, (coisa já praticamente feita, embora raras vezes admitida), já que os Estados Unidos estão dispostos a preservarem os ditos "valores ocidentais", em todo caso duvidosos?

Mas há argumentos igualmente fortes em prol de um engajamento na construção da Europa, não apenas por parte de todo europeu, mas ainda de todo americano. A variedade sem paralelo da cultura europeia, fruto da incompatibilidade dos seus elementos básicos e da quase inacreditável articulação da geografia europeia, tem produzido uma forma de existência humana "sui generis", e inteiramente incomparável com não importa que outra cultura. Nenhuma quantidade de má consciência justificada pode ofuscar tal unicidade europeia. Não se trata apenas do aspecto óbvio da cultura europeia: da ciência e da técnica, essas misturas explosivas de teoria grega, disciplina latina e prática judaica. Trata-se sobre tudo da dita "consciência histórica", da vivência europeia do tempo. O europeu, e ele só, vivencia o tempo enquanto sequência de instantes irrevogáveis e irrepitíveis que apontam, todos, o futuro. O europeu, e ele só, sente pois individualmente responsável, e único responsável, de cada qual dos seus atos. Sua vida é dramática, porque para ele, e para ele só, o mundo dentro do qual vive é uma história da salvação, (um "progresso").

O americano, por certo, tem vivência do tempo comparável, e neste sentido continua sendo europeu. Mas a amplitude do espaço americano, a relativa uniformidade da sociedade americana, e a influência vinda da África, modificaram profundamente o clima existencial do europeu americano. Tais modificações se manifestam, por enquanto, como massificação, como aparelho gigantesco, como des-mesura, mas contêm em germe as possibilidades de um ultrapassar da cultura europeia na América em direção não-europeia. Neste sentido a americanização da Europa atual é de fato uma des-europeização da Europa. Per certo: o elemento judeu, fonte da consciência histórica, está se articulando nos Estados Unidos com força maior que ultimamente na Europa, e pode servir de ela para manter a América na órbita cultural europeia. Mas fundamentalmente a cultura europeia é intransferível.

A contribuição europeia à humanidade é insubstituível. Sobretudo do sua contribuição aos americanos. Devemos tentar conservá-la. Não em clima triunfalista, mas com consciência plena dos erros e crimes do passado. Não para continuar como antes, mas para tentar fazer melhor. O terceiro mundo talvez não permitirá que a tentativa se faça, e terá tido razão se eliminar a Europa do mapa. Não obstante: a tentativa deve ser feita.